



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 50

Vida depois do fim

Branca Vianna: Está começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Boa parte da filosofia, das religiões, e até da ciência é dedicada a explicar o fim. O que acontece quando a gente morre.

Você pode acreditar em céu, ou em energia, ou em vidas passadas... ou acreditar que tem tipo um interruptor, que desliga quando o coração para de bater.

O fim – o fim da vida – é um tema que dá tanto pano pra manga, que ia ser impossível dar conta dele num episódio só. Ou mesmo numa série. Ou mesmo em todas as séries e filmes e livros do mundo.

Falar de morte é sempre lançar um facho pequenininho de luz numa escuridão gigantesca. Cada uma das duas histórias de hoje joga um facho de luz nesse tema. Na verdade, num subtema dentro desse tema. Sobre quando o fim não é o fim. Sobre quando ele é só o começo de uma outra história.

Quem vai contar a primeira história de hoje é o antropólogo Fábio Zuker. E a história dele começa com um corpo.

ATO 1

Fábio Zuker: O corpo tá deitado numa rede, enfeitado com penas, numa casinha de palha no meio da floresta. Não tem ninguém por perto. Nenhum sinal de violência. Mas o corpo tá ali.

Numa história de detetive, o mistério seria tentar descobrir quem matou, e como. Quem deixou o corpo daquele jeito.

Essa não é uma história de detetive, nem uma história de morte matada. Mas é uma história cheia de mistérios. E talvez a nossa última chance de desvendar aqueles mistérios pode ter ido embora junto com aquele homem – agora um corpo – deitado na rede.

Vincent Carelli: Puxa, ele levou o segredo dele com ele. Parece que ele sentiu a morte chegar. Provavelmente ele foi perdendo a sua condição de sobrevivência. E se enfeitou com as penas que ele tinha, deitou e olhou para cima e esperou a morte. Eu achei muito lindo, muito digno. E muito emocionante.

Fábio Zuker: Esse é o indigenista e cineasta Vincent Carelli. O principal personagem dessa história é o homem que deitou na rede dele e esperou a morte.

Mas a gente tá contando a história dele aqui hoje porque, durante toda a vida desse homem, ele recusou o contato com a sociedade brasileira. Então tudo que a gente sabe dele é o que os outros podem dizer dele. E a partir dos rastros que ele deixou.

Tem algumas pessoas que conviveram, na medida do possível, com ele. Que conviveram à distância. E uma delas é o Vincent.

Vincent Carelli: Eu conheci os índios muito cedo, com 16 anos. E muito rapidamente, eu resolvi que faria dessa companhia com os índios a minha vida.

Fábio Zuker: O Vincent é conhecido por muitas coisas. Ele passou pela FUNAI – a Fundação Nacional dos Povos Indígenas –, trabalhou em várias ONGs socioambientais, fundou mais algumas, mas talvez o mais marcante da carreira dele seja um projeto que começou nos anos 80. Foi esse projeto que fez do Vincent um cineasta. E foi esse projeto que botou ele no caminho do homem que morreu sozinho, coberto de penas.

O Vincent é antropólogo de formação. E a história da antropologia, sobretudo no século XX, tá cheia de antropólogo branco filmando pessoas não brancas, contando a história delas do jeito que eles achavam que tinha que ser. O Vincent e a companheira dele, a também antropóloga Virgínia Valadão, resolveram virar isso de ponta-cabeça.

Vincent Carelli: E foi justamente nessa primeira experiência, que é a experiência seminal do Vídeo nas Aldeias, que consiste simplesmente na devolução imediata da imagem.

Fábio Zuker: A “devolução imediata da imagem” era assim: ao longo dos anos 80, as câmeras de vídeo tinham ficado mais baratas, portáteis, e fáceis de usar. Então a ideia era dar esse equipamento pros indígenas contarem as próprias histórias. Registrarem as próprias memórias. E mostrar as imagens pra eles na hora.

Vincent Carelli: E é saber deles o que é que eles fariam ao perceber que é possível se produzir e se retratar.

Fábio Zuker: O Vincent levou uma câmera para uma aldeia Nambikwara, no oeste do Mato Grosso. E, quando eles ligaram a câmera, os indígenas decidiram fazer um ritual de perfuração do lábio superior e do nariz. Era um ritual que eles tinham deixado de fazer há muito tempo. Mas, diante da câmera, a tradição renasceu.

Esse primeiro experimento deu origem ao projeto que acabou ficando conhecido como Vídeo nas Aldeias, formando cineastas indígenas em todo o Brasil. Hoje são 80 coletivos de cinema indígena no país todo. Lá no começo, uma das pessoas que tava com o Vincent participando das experiências do Vídeo nas Aldeias era o Marcelo Santos.

Vincent Carelli: Marcelo Santos era um indigenista, era um colega e ex-colega meu, porque eu já tinha caído fora da Funai há muito tempo.

Fábio Zuker: O Vincent tinha saído da FUNAI, o Marcelo ainda estava lá nessa época...

Vincent Carelli: Ele tinha sido indicado pela Funai para fazer uma vistoria numa fazenda, não é? Que na época, para acessar o financiamento da SUDAM, para desenvolver a Amazônia, para desmatar Amazônia, que era isso, não é? Precisava de um documento, da certidão negativa da presença de índios.

Fábio Zuker: A "SUDAM" que o Vincent falou é a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia. Eu sei, o nome é complicado. Mas ele é meio auto explicativo. A SUDAM foi um órgão criado pelo governo militar pra incentivar projetos de "desenvolvimento", entre aspas, da Amazônia. De colonização agrícola, basicamente.

E, pra ganhar esse financiamento, você tinha que ter uma certidão da inexistência de povos indígenas nos lugares onde a floresta ia ser derrubada. Isso pra dar espaço pra fazendas. Primeiro de gado, e hoje de soja.

Mas enfim, num dia em 1985, o Marcelo tava indo até uma fazenda em Rondônia pra ver se não tinha mesmo indígenas por lá.

Vincent Carelli: E o Marcelo foi nessa missão. E chegou lá na fazenda. E conversou com os trabalhadores que disseram: "Olha, aqui não, mas ali parece que atiraram nos índios".

Fábio Zuker: "Atiraram nos índios". Teoricamente, uma certidão da inexistência de povos indígenas devia ser só uma constatação de que não tinha nenhuma comunidade naquela região, né? Mas na prática, em muitos casos, essa exigência virou uma sentença de morte. Fazendeiros trataram de exterminar as comunidades existentes e apagar qualquer registro delas. Numa palavra: genocídio.

Os fazendeiros usavam várias técnicas nessa campanha de extermínio. Alguns davam açúcar com arsênico. Outros doavam roupas contaminadas com vírus. E tinha a tática de matar um boi e botar veneno na carne. Mas, muitas vezes, era na base da bala, mesmo.

Vincent Carelli: Porque, quando descobrem um grupinho de índios não descoberto pela Funai, foi o que foi feito: "Vai lá, tenta exterminar", não é? E ninguém, na calada da mata, ninguém vai... né? Só que sempre acaba vazando alguma coisa.

Fábio Zuker: O Marcelo tinha ouvido essa denúncia – de que “atiraram nos índios”. Isso foi no final de 85. No comecinho de 86, o Vincent tava por ali, fazendo filmagens do Vídeo das Aldeias. E aí o Marcelo chamou ele pra ir lá.

Vincent Carelli: “Vincent, vamos aproveitar que você está com uma câmera aí. Vamos lá no local onde mataram os Akuntsu”. Esse registrar é super importante. A mata cresce muito rápido, não é? E a gente foi no local, lá com com vários índios Negarotê e Mamaindê que estavam na festa.

Fábio Zuker: Negarotê e Mamaindê são subgrupos Nambikwara. Era com eles que o Vincent tava filmando a festividade da perfuração labial. E, quando eles chegaram lá na fazenda em Rondônia, eles viram na hora que aquilo era a cena de um crime.

Vincent Carelli: Ali mesmo a gente desenterrou cerâmica, um cabo de machado, todos – uma série de objetos que quem fez o serviço talvez tenha mal feito, porque deixou, inclusive ali, naquele local. Foram inchar e achado várias cápsulas de bala. E, para os indígenas que estavam com a gente também, era tão evidente a presença. Todos aqueles pés de urucum, que a gente planta perto de casa, que tem que se pintar toda hora.

Fábio Zuker: Tinha os rastros dos indígenas, e os rastros da tentativa de apagar eles do mapa. Esse não era um incidente isolado. Nos anos 80 e 90, Rondônia foi palco de uma série de massacres.

O governo militar tinha prometido distribuir terras pra quem quisesse cultivar. Mas, com o passar dos anos, grandes fazendeiros foram comprando os lotes, concentrando terra e poder.

E as populações indígenas que viviam por lá acabavam sendo espremidas cada vez mais em pequenas reservas de floresta. Tudo isso incentivava a violência. Contra indígenas, e contra trabalhadores sem terra também.

O Vincent tava correndo de um lado pro outro com a camerazinha dele, tentando colher provas. Ele e o Marcelo não sabiam quem tinham sido as vítimas, nem quantas. Eles só tinham a convicção que tinha tido uma chacina. Mas o Vincent acabou sendo expulso da região. A fazenda foi desinterditada. E nem ele, nem o Marcelo conseguiram investigar mais.

Vincent Carelli: Tratados como mentirosos, enfim. A invenção de um genocídio. Então, você vai sendo desacreditado por todas as forças contrárias.

Fábio Zuker: Eles só conseguiram voltar pra lá em 1995 – quase 10 anos depois. Foi quando o Marcelo assumiu um novo cargo na FUNAI pra lidar com povos indígenas em isolamento. A paisagem que eles tinham visto em 1986 era a de uma fronteira agrícola ainda incipiente.

Vincent Carelli: As áreas já estavam loteadas, então tinha muito pouco, as fazendas já tinham sua sede, caminhos de acesso, né? Mas a abertura dos pastos ainda era muito pouco. E, nove anos depois, tudo mudou. Quer dizer, as fazendas foram abertas. Houve um índice muito grande de desmatamento.

Fábio Zuker: Outra coisa que tinha mudado nesses anos era a tecnologia.

Vincent Carelli: Naquela época, em 86, 87, era muito difícil e era procurar uma agulha no palheiro. Que aquilo era uma mata gigante, não é? Já dez anos depois tinha muita coisa desmatada e através das fotos de satélites a gente podia ver aonde estavam as bolinhas de mata, não é? E ler pequenos desmatamentos e ir buscar.

Fábio Zuker: Pequenos desmatamentos que podiam ser roças indígenas. Esse era um jeito de tentar identificar comunidades vulneráveis. Mas tinha outro jeito também.

Vincent Carelli: Focar nas fazendas que também tinham proibido a gente acessar. Proibiu, é que tem coisa! Não é? Então a gente focou, o Marcelo focou nessas fazendas.

Fábio Zuker: Agora, com o respaldo da FUNAI, eles conseguiam abrir as porteiras das fazendas. Foi numa dessas idas que o Vincent e o Marcelo conseguiram finalmente fazer contato com um povo isolado: os indígenas Kanoê do rio Omerê.

Tudo isso acabou indo parar num filme do Vincent. Um filme que ele levou 20 anos pra fazer, que saiu em 2009. Chama Corumbiara. No filme, dá pra ver o primeiro contato com os Kanoê. As tentativas de comunicação, todo o trâmite pra interditar uma parte da fazenda.

Os Kanoê do rio Omerê eram um grupinho remanescente. Mas eles não eram os remanescentes do ataque que o Marcelo tinha ouvido falar em 1985.

Os Kanoê tinham sido expulsos daquela região nos anos 40, e levados pra Guajará-Mirim, a uns 500 quilômetros dali. Esse grupo – cujo encontro foi filmado pelo Vincent – era de descendentes dos que tinham conseguido fugir.

Eles conseguiram um intérprete de Guajará-Mirim. Um dos últimos daquela comunidade.

E, depois de ganharem a confiança dos Kanoê, os indigenistas foram levados até outro povo isolado – o povo Akuntsu. Eram eles as vítimas da chacina de 85.

Pelo que deu pra reconstruir, pelo menos dez pessoas tinham sido assassinadas. E dois dos sobreviventes Akuntsu ainda tinham marcas de bala no corpo.

A partir do contato com os Akuntsu e com os Kanoê, deu pra esclarecer muita coisa. Mas os corpos das vítimas nunca apareceram.

Vincent Carelli: E eu, até hoje eu espero que um dia alguém resolva falar onde foram enterrados os corpos dos mortos dos Akuntsu naquele local que nós visitamos, que é a marca do trator de esteira passando em cima dos barracos. Enfim. Aquilo era uma ação genocida e muito explícita e clara. Agora os corpos não foram encontrados. O que foi feito desses corpos? Tem alguma testemunha? Isso ninguém faz sozinho. Não é? Não sei. Até hoje eu tenho uma esperança que esses corpos vão aparecer.

Fábio Zuker: Foi no meio dessa segunda viagem. Dessa segunda tentativa de investigar os massacres de quase uma década antes, que o Vincent começou a ouvir um boato.

Vincent Carelli: Era uma notícia misteriosa ainda, que o índio tinha sido visto lá numa fazenda na fazenda... Um índio isolado.

Fábio Zuker: Um peão de uma fazenda na região tinha encontrado uma cabana. A cabana estava abandonada. E, dentro, tinha uma escavação retangular no chão. Funda, sem nada dentro.

Nos registros antropológicos, não tinha nada sobre um povo que fizesse um buraco no chão da cabana. Não tinha nenhum precedente pra nada assim. A equipe do Vincent sentiu que eles deviam tá perto de contatar mais um povo isolado. E, na falta de um nome – porque eles não tinham conseguido falar com esse grupo ainda – eles chamaram essa comunidade de “índios do buraco”. Mais tarde, olhando nas imagens do satélite, eles viram um buraco de outro tipo.

Um buraco de desmatamento no meio da floresta, que não tava lá antes. O mais estranho é que esse pedaço da mata tinha sido derrubado durante a estação das chuvas – o que os fazendeiros não costumam fazer, porque a mata cresce muito rápido. E o que eles encontraram lá não foi uma casinha de palha. Foi uma aldeia inteira que tinha sido destruída. Tinham queimado, derrubado as árvores e passado com um trator por cima das construções.

Vincent Carelli: Chegamos lá, e aí descobrimos que era o local do Índio do Buraco. E tinha muitos buracos, inclusive de tamanho muito grande, não é? E

o trator de esteira tinha arrasado tudo e tinha tentado tapar algum desses buracos. Era um local, evidentemente de ocupação antiga, claramente.

Fábio Zuker: O Vincent não conseguia investigar muito no lugar, porque ele ficava dentro de uma propriedade. Uma propriedade chamada Fazenda Modelo. Então ele ficou um tempo ali na cidadezinha mais próxima, assuntando a população local.

Vincent Carelli: Que chama Chupinguaia. E descobri uma testemunha que tinha sido contratada inclusive para fazer um pé de fogo nesse lugar desmatado, durante o inverno. E ela estava apavorada. E me contando que o Hércules Dalafini – dono da Fazenda Modelo – tinha contratado um capanga para atirar e botar o índio para correr.

Fábio Zuker: A testemunha era uma cozinheira de uma pensão local. Ela e o marido tinham sido chamados pra roçar pasto. Mas, depois de um tempo, um capanga da Fazenda Modelo pediu pra eles queimarem o que tinha sobrado da aldeia.

Testemunha: Foi assim: começaram a falar pra gente trabalhar pra roçar o pasto, como eu falei pro senhor. Depois, aí o homem chamou, depois de dias que a gente tava trabalhando lá, que já tinham essa derrubada. Aí ele passou lá e chamou nós, chamou meu marido pra ir lá fazer esse pé de fogo, lá pra ele. Nós fomos sem saber de nada. E eu até fiquei com medo de ficar lá, vim embora pra cá. E o homem que fez a derrubada foi o que atirou por cima dos índios, pros índios fugirem de lá. Foi isso daí que aconteceu.

Fábio Zuker: Esse é um depoimento que o Vincent gravou com uma câmera oculta.

Testemunha: Dizem pelo jeito que era tudo cabeludo, e índio brabo mesmo.

Fábio Zuker: Pelo que a cozinheira tinha ouvido, os índios tinham sido expulsos a tiros. Ela achava que eles não tinham sido assassinados, só espantados. E que tinha um que aparecia de vez em quando.

Testemunha: Quando ele vê o povo, ele corre. Dizem que corre.

Vincent Carelli: E pra mim foi um dilema muito grande, porque eu consegui a confissão, assim, com uma câmera oculta. E depois eu falei: "É um pouco uma sentença de morte, um trabalhador fazer uma denúncia". E ela estava como cozinheira da pensão onde eu estava hospedado. E o cara que tinha atirado nos índios, o tal do careca, não cheguei a cruzar com ele, mas ele estava rondando lá e ameaçando ela, já: "Se você falar..." certo? "Acabo contigo".

Fábio Zuker: Quando a cozinheira conversou com o Vincent, ela já estava com medo. E aí, logo depois, ela e o marido fugiram. Sumiram na calada da noite. E o Vincent sentiu então que ele podia usar as provas pra pedir a interdição daquele pedaço da fazenda.

Só que essa interdição era provisória. Se os indigenistas não conseguissem alguma imagem de um dos indígenas isolados, a fazenda ia voltar a ser liberada.

"Um índio só passará a existir legalmente se conseguirmos uma imagem dele. Índio que ninguém viu é boato".

Vincent Carelli: E a gente começou a visitar um monte de barracos dele pela mata, não é? E provavelmente cada vez que um peão de madeira, e de madeireira encontrava, ele sumia e fazia...

Fábio Zuker: Nessas idas a campo, eles estavam chegando à conclusão de que só um homem tinha sobrevivido ao massacre. Uma equipe, liderada pelo sertanista Altair Algayer, ia colhendo pistas sobre esse homem a partir daquilo que ele deixava por ali. E a maior pista era que, em toda casinha que ele fazia, tinha um buraco no chão.

Vincent Carelli: A gente elaborou várias hipóteses... por que o buraco? Agora, todas as casas, são umas verdadeiras paliçadas e uma das vezes a gente viu que a rede ficava meio afundada no buraco. Isso é uma técnica de defesa muito conhecida. Quer dizer: você bota um negócio ali na rede e deita embaixo. E provavelmente o Borba Gato, se chegar, ele vai atirar na rede. E essa paliçada é sem dúvida, uma defesa de tiros.

Fábio Zuker: É claro que esse sobrevivente estava na defensiva. E os indigenistas lá, insistindo na tentativa de contato.

Vincent Carelli: Embora a gente tenha deixado muitos presentes, muitas ferramentas – mas durante muito tempo ele recusou, inclusive os presentes. A gente chegava dois meses depois. Um belo facão, negócio, coisas preciosas pra ele, sementes... E ele deixava. Ele não triscava no negócio.

Fábio Zuker: Depois de muitas tentativas, um dia aconteceu.

Vincent Carelli: E, nesse dia, a gente topou com ele na mata. E ele correu. Era uma tocaia de caça, uma casinha em que ele fica escondido e esperando a caça para flechar de dentro da tocaia. Ele, o arco e flecha dele, estavam dentro da tocaia. Então, quando ele viu a gente chegar, ele correu pra tocaia e aí se viu cercado.

Vincent Carelli: A gente era eu, Marcelo e Altair, Marcelo e Altair, da Funai, e estavam ali também, Atiramantu Kanoê, Okurá, e Umoró. Tinha três Kanoê, que a gente achou. Como a gente não sabia que língua esse cara poderia falar. Então a gente levou os Kanoê para dar uma fala lá, ver se eles entendiam, se ele entendia, se tinha alguma resposta. Mas eles ficaram bastante apavorados também, ficaram bastante à distância.

Fábio Zuker: Essa cena do documentário do Vincent é inesquecível. O grupo se aproxima da cabana, tentando comunicar que eles não querem fazer mal pro homem que tá ali. Não dá pra ver ele ali dentro, só a ponta da flecha no meio das folhas.

Vincent Carelli: E durante seis horas a gente ofereceu batata, milho, facão, machado e tudo que pudesse agradar a ele.

Fábio Zuker: Quando os indigenistas chegavam perto oferecendo comida, ele nem se mexia. Mas quando o Vincent se aproximou com a câmera, ele soltou uma flecha. Por muito pouco, a flecha não encontrou o alvo.

Vincent Carelli: Ele estava completamente acuado ali. Ele está apavorado. E ficou o tempo todo com arco armado, e apontando a flecha indo e voltando ali. Foi uma situação extremamente tensa e ele estava determinado a não se render.

Fábio Zuker: Depois de algumas horas, o Vincent conseguiu dar a volta na casinha e se postar atrás de uma árvore.

Vincent Carelli: Bem colado na tocaia dele. Eu consegui entrar ali atrás dessa árvore. Mas eu consegui fazer um zoom, ele me olhando. E bastou aquilo.

Fábio Zuker: Dava pra ver a cara de um homem de meia idade com uma barba rala, olhos bem abertos e desconfiados. Era ele. O Vincent se sentiu mal, na hora, de estar filmando um homem acuado, que claramente tinha sobrevivido a vários ataques. Pra todos os efeitos, pra ele, esse era só mais um ataque.

Vincent Carelli: A gente tava numa missão difícil pro coração, não é? Pelo sentimento e sim de tá forçando uma coisa. Quando um cara, que vai saber por quantas esse cara já tinha passado, não é? Mas era necessário, porque, se não, não teria uma interdição diária. E a vida dele estava em risco também. Então, reconhecer a existência dele também era garantir a sua sobrevivência ali.

Fábio Zuker: Agora que eles tinham conseguido fazer o registro, eles podiam deixar o homem em paz.

Vincent Carelli: Quer dizer, estava provado quem ele era, mas estava resolvida a questão. O índio do buraco existe, ele está lá. Você entende?

Fábio Zuker: Graças à imagem, aquela área – de 2 mil hectares – foi interdita em 1997. E isso garantia que aquele homem pudesse viver em paz na floresta dele, no sul de Rondônia.

Amanda Villa: Eu acho que o primeiro impacto com certeza é esse visualmente dessa cor contrastante de um laranja amarelado de um lado e

um verde profundo do outro. Assim, numa divisão ali que você pode colocar um pé de cada lado praticamente.

Fábio Zuker: Hoje em dia, quem consegue autorização pra entrar naquela área reservada sente que tá passando de um universo pra outro. De um lado, mata cerrada. Do outro, poeira. Tudo muda.

Amanda Villa: Você sente a secura do ar, o calor do sol estalando de um lado e a umidade que eu sinto na pele, nos cabelos, na respiração, nas vias aéreas completamente diferentes, sempre a pouquíssimos metros.

Fábio Zuker: Essa é a Amanda Villa, que trabalha hoje na região Sul de Rondônia.

Amanda Villa: Sou Amanda Villa Pereira, sou antropóloga, trabalho com povos indígenas em isolamento e isolamento voluntário. Eu sei, isolados são termos sempre em disputa já desde 2015. Venho desenvolvendo as pesquisas no Estado de Rondônia, e trabalho agora também como indigenista, no Observatório dos Povos Isolados.

Quando a gente fala assim de povos isolados, a primeira reação das pessoas é ou desacreditar: "Não é possível que hoje em dia ainda tenha pessoas que nunca tiveram contato" – ou, no mesmo sentido, só que o inverso, essa concepção de que são pessoas que vivem numa bolha, não têm a menor ideia do que existe no mundo de cidades, de carros, de enfim, não sabem de nada, estão presos na floresta. E a realidade, por assim dizer, é o meio do caminho, né?

Fábio Zuker: Esse "meio do caminho" é que esses povos optaram pelo isolamento. Eles escolheram não travar contato com a sociedade ao redor deles. E o motivo é geralmente algum trauma, alguma violência provocada pela colonização.

Amanda Villa: Entendem que... optam, né, pela maneira de viver ali afastada das cidades, dos centros onde ainda restam áreas de floresta, essas populações vão se refugiando. Acho que a gente pode usar essa palavra, né. Vão se refugiando nesses locais, reinventando seus modos de viver.

Fábio Zuker: O homem conhecido como “índio do buraco” foi um desses refugiados. E, em algum momento, durante esses anos todos, ele ganhou outro nome: Tanaru. “Tanaru” não foi um nome que ele escolheu. Mas era o nome de um rio que passava pela terra dele.

Amanda Villa: É uma pessoa que nunca desistiu da própria vida, o que pra mim é uma coisa muito impressionante.

Fábio Zuker: O Tanaru viveu durante décadas sozinho na floresta preservada. E, em agosto de 2022, ele foi encontrado pelo Altair Algayer da FUNAI – que desde aquelas primeiras imagens, é a pessoa que mais “conviveu”, por assim dizer, com o Tanaru.

Tanaru estava numa das cabanas dele. Deitado na rede, enfeitado com penas de arara. Ao que parece, o Tanaru teve uma boa morte. Mas, assim que se soube da passagem dele, os fazendeiros interessados naquela área invadiram a terra indígena.

O corpo do Tanaru ficou insepulto durante 71 dias – passando por perícias pra determinar tanto a causa da morte quanto a genética dele. E, quando ele finalmente foi enterrado na floresta, na casa dele, o túmulo dele foi violado. Mais de vinte anos depois do primeiro contato, a Terra Indígena Tanaru ficou sem nenhum indígena.

Agora, muita gente enxerga aquela floresta como vazia. Como se os únicos rastros que o Tanaru e o povo dele tivessem deixado fossem algumas cabanas. E que, por isso, aquela terra agora tava “vaga”. “Pra jogo”. Mas não é bem assim.

Carolina Levis: Por muito tempo, se pensou que a grande parte da Amazônia fosse na verdade, ocupada por uma floresta que está chamada de floresta virgem intocada, como se a floresta ela não tivesse cultura, cultura humana e cultura de outros animais.

Fábio Zuker: Essa é a Carolina Levis, uma ecóloga da Universidade Federal de Santa Catarina.

Carolina Levis: Geralmente, se pensa na Amazônia de dois pontos de vista. Um deles é que a Amazônia é uma das grandes regiões preservadas de floresta extensa, como se fosse uma imensidão verde, cheia de água, cheia de biodiversidade. E a outra visão é que a Amazônia, ela tem sido intensamente destruída por atividades econômicas que geram degradação na biodiversidade, como a mineração e como a pecuária extensiva.

Fábio Zuker: Eu chamei a Carolina pra me ajudar a entender como sair desse contraponto. A ideia de que ou se tem uma floresta preservada e absolutamente sem gente, ou se tem uma floresta sendo derrubada. Como se a natureza fosse incompatível com a presença humana.

Carolina Levis: A gente vem detectando e mostrando isso que a floresta, ela é uma floresta cultural, uma floresta domesticada. A gente está dizendo que essa floresta, ela foi moldada por um longo processo de interação entre os povos que fazem parte dessa floresta há milhares de anos – povos indígenas – e a diversidade de todas as outras formas de vida. E que esse processo, principalmente quando a gente fala de processo de domesticação da floresta, esse processo ele acaba levando a uma alteração na composição, na forma que a floresta tem. E essa floresta, ela passa a ser uma floresta mais segura e muitas vezes mais produtiva para as pessoas.

Fábio Zuker: Estudos de diversas áreas de conhecimento, da arqueologia à ecologia, têm mostrado que, na floresta, as partes com ocupação humana há mais tempo, têm uma diversidade maior de plantas.

Carolina Levis: Então, o que a gente vê é que a gente detecta que essas florestas que estão cheias de alimento e remédio, elas estão localizadas muito próximas de sítios arqueológicos, então de antigas habitações dos povos indígenas. Isso nos indica que todo esse trabalho e todo esse manejo, cuidado com as plantas e com as árvores da floresta acabou levando a uma transformação de uma floresta que a princípio era uma floresta que tinha talvez não tantos recursos ou plantas alimentícias para as pessoas, e se transformou numa floresta super rica em alimento.

Fábio Zuker: O resultado desse processo é o que é chamado de uma floresta antropogênica. Uma floresta que não nasceu pronta. Não uma selva virgem, mas que foi moldada. Uma floresta cultural. Os povos indígenas que habitam o que hoje é o Brasil fizeram uma coisa grandiosa: a maior floresta do planeta.

Vincent Carelli: E a terra indígena Tanaru provavelmente vai ser desinterditada. O movimento tentou fazer uma reserva assim, simbólica e tal. Mas eu acho que... Não sei se vai rolar, porque o fazendeiro tava louco pra retomar a área dele, né. "Dele" [ri].

Fábio Zuker: "Dele", entre todas as aspás. Essa proposta de reserva simbólica que o Vincent mencionou é uma tentativa de manter a resistência que o Tanaru mostrou em vida. De fazer da floresta um memorial vivo ao genocídio dos povos indígenas de Rondônia. Uma floresta destinada à multiplicação da vida, que o Tanaru defendeu e tanto cultivou.

O Tanaru, o homem cujo nome a gente nunca pôde conhecer, não tá mais entre nós. Ele não deixou nenhum testamento. E ele pode ter levado embora o segredo dos massacres perpetrados contra ele e seus familiares. Mas a maior obra dele ainda tá ali, esperando pra quem saiba interpretar.

Branca Vianna: Essa história foi produzida em parceria com o Brazil LAB do Instituto de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos – uma iniciativa acadêmica que considera o Brasil um nexu planetário vital. A pesquisa pra esse episódio foi feita pelo antropólogo Fábio Zuker. Você pode conhecer mais em brazillab.princeton.edu.

Nossa segunda história acontece numa escala muito menor que a primeira. Em vez da saga de vários povos ameaçados tentando sobreviver ao longo de décadas, de uma floresta sendo moldada ao longo de séculos... a gente vai passar pra um dia na vida em 1996. Mas um dia que fez toda a diferença.

Quem conta essa história é a Sarah Azoubel.

ATO 2

Luana: É 1996, eu tinha 14 anos. Tudo começou, na verdade, na véspera, no dia 1 de março de 1996.

Sarah Azoubel: Essa é a Luana Karen Gonçalves Querino da Silva. E, um tempinho atrás, ela escreveu para a gente para contar essa história que começa na véspera do aniversário da tia dela, a Tati.

Tati: Bom, meu nome é Tatiana

Sarah Azoubel: A Tatiana Gonçalves Querino,

Tati: Ai, eu sou um pouco tímida.

Sarah Azoubel: Que também tinha 14 anos. Na verdade, ela ia fazer 14 anos no dia 2 de março de 1996. Sim, apesar da Tati ser tia da Luana, as duas têm praticamente a mesma idade. A Tati é a filha caçula (e temporã) dos avós da Luana. Ou seja, ela é irmã da mãe da Luana - que já tinha mais de 20 anos quando ela nasceu. Mas, na prática, as duas meninas...

Luana: A gente cresceu como irmãs.

Sarah Azoubel: As duas foram criadas juntas, em casas vizinhas no Gama, que é uma cidade-satélite - ou uma região administrativa, pra usar um nome mais oficial - ali no entorno de Brasília.

O Gama foi um dos povoamentos criados na década de 60 pra abrigar a população que migrou para lá durante a construção de Brasília. O Davi, pai da Tati e avô da Luana, veio da Paraíba nessa época.

Hoje em dia, a Luana é repórter da EBC, a Empresa Brasileira de Comunicação, e a Tati é secretária parlamentar. As duas trabalham em Brasília, mas ainda moram lá

no Gama. A Luana descreve a região da casa delas como "roça" até hoje, e lembra que foi só nos anos 90 que começou a chegar asfalto nas ruas de lá.

Isso tudo pra dizer que elas cresceram vivendo uma vida simples. A vida de crianças do interior que não tinham internet, assistiam o show da Xuxa na TV, e conviviam praticamente só com a família e com os amiguinhos da escola. A experiência delas não tinha muito a ver com a dos adolescentes hiperconectados de hoje.

Luana: Uma menina de 14 anos naquela época era totalmente diferente de uma menina de hoje em dia. A gente não tinha rede social, a gente não tinha notícia, a gente não... a gente ficava brincando na rua descalça, jogando bola, beto, queimada, sabe? Pique esconde, pique. A gente ainda brincava nessa época dessas coisas.

Sarah Azoubel: Então foi bem surpreendente quando...

Luana: No dia 1 de março, o meu avô, meu avô Davi, pai da Tati, chegou em casa e deu para ela R\$50 de presente de aniversário, R\$50 de presente em 1996.

Sarah Azoubel: O pai da Tati era motorista de caminhão. Ele não costumava fazer essas extravagâncias pros filhos.

Luana: Mas a Tati era a caçula de oito filhos. E ele já estava numa idade já um pouco mais avançada, então ela era a pupila dos olhos dele.

Sarah Azoubel: E, na época, 50 reais...

Luana: Era muito dinheiro. Era muita grana pra uma menina que ia fazer 14 anos e da roça.

Sarah Azoubel: Em março de 1996, fazia menos de 2 anos que o Plano Real tinha sido lançado. A moeda brasileira ainda tava praticamente 1 pra 1 com o dólar americano, e a nossa sensação de quanto valia cada real era muito diferente.

Na época, 50 reais era metade de um salário mínimo. E dava pra comprar um litro de leite com, tipo, 60 centavos. As duas meninas nunca tinham visto tanto dinheiro na vida. E, de repente, pareceu que nada que a Tati pudesse comprar ali no Gama ia fazer valer aquele presentão. Então, ela teve uma ideia.

Luana: Ela: "Pai, eu posso ir amanhã no shopping comprar um presente com esse dinheiro?" Aí ele ficou assim, né? "Ah, mas você é tão nova, né? Pequeninha, 13 anos".

Tati: Então tudo que eu ia fazer eu tinha que fazer com alguém.

Sarah Azoubel: Aqui é a Tati. Como ela disse antes, ela é um pouco tímida, então a maior parte dessa história tá na voz da Luana.

Luana: E aí meu avô falou assim: "Não, tudo bem, eu deixo você ir, mas só se a Lula for com você". Meu avô me chamava de Lula. E eu tava na hora eu falei: "Eu vou, uai, claro, deixa eu minha perguntar para minha mãe".

Sarah Azoubel: A Luana era 9 meses mais velha que Tati, e um pouco mais madura. Ela já tinha pego ônibus sozinha pra região central de Brasília algumas vezes.

Luana: Porquê do Gama até o shopping que a gente ia, que fica no Conjunto Nacional, que é no Plano Piloto, são uns 35 quilômetros de distância. Então a gente tem que ir de ônibus, não tinha como ir de outro modo. E aqui no Gama não tinha shopping, não tinha lugar pra gente comprar um presente digno de R\$50.

Sarah Azoubel: O dia seguinte, 2 de março de 96 - que era aniversário da Tati - começou cedo.

Luana: Nós pegamos o ônibus aqui no Gama às 07h30 da manhã, já desintegramos essa riqueza, pegamos o ônibus, pagamos a passagem com esse dinheiro e aí fomos para a rodoviária do Plano Piloto.

Sarah Azoubel: O trajeto era bem tranquilo, até porque essa rodoviária tem um acesso direto ao Conjunto Nacional.

Luana: Para quem não é de Brasília, o Conjunto Nacional é um shopping sem muros e são várias lojas. Você pode entrar no shopping antes dele estar aberto e ficar vendo as vitrines até que dê o horário das lojas abrirem.

Sarah Azoubel: Ainda bem, porque as meninas chegaram lá muito cedo, e tava tudo fechado. Então o que dava para fazer era ficar andando pelos corredores, tentando ter alguma ideia do presente que ia fazer jus àqueles 50 reais. Mas tava difícil escolher alguma coisa.

Tati: Quando você ganha um dinheiro que você nunca ganhou na vida, você quer comprar tudo e ao mesmo tempo você não consegue comprar nada, porque você quer um monte de coisas e fica indeciso do que comprar.

Sarah Azoubel: Elas andaram e andaram... o shopping finalmente abriu, e nada.

Luana: A gente entrou em uma loja, em outra, mas nada, é incrível, nada agradava, nada enchia os olhos. É engraçado que a gente sempre foi muito simples, a gente de família pobre, tudo. Então, de repente, uma bolsa, um sapato, uma blusa poderia encher os nossos olhos, mas parecia que não era aquilo.

Sarah Azoubel: Nada parecia especial ao ponto de justificar gastar aquele monte de dinheiro.

Luana: E de repente passa uma garota, umas duas, três garotas com uma faixa escrita Mamonas Assassinas. Isso já é umas dez e meia da manhã. Mamonas Assassinas. A Tati era fã.

Sarah Azoubel: Os Mamonas Assassinas. A banda favorita da Tati. E de boa parte das crianças e adolescentes brasileiros da época. Eles só tinham um álbum, que tinha sido lançado menos de um ano antes, em junho de 95. Mas o sucesso da

banda foi meteórico. E, até hoje, o disco tá na lista dos mais vendidos de todos os tempos no Brasil.

No fim de 95, duas das músicas daquele álbum – "Vira-vira" e "Pelados em Santos" – ficaram em segundo e terceiro lugar no ranking de hits mais tocados no país – eles só perderam pra música Take a Bow, da Madonna. Os Mamonas tavam em todos os lugares, nas rádios...

ARQ Mamonas na Rádio Transamérica

Vinheta: Transamérica!

Dinho: Ai, gente, eu tô na Transamérica!

Sarah Azoubel: No Faustão...

ARQ Mamonas no Faustão

Dinho: Eu quero dedicar essa música pro Fausto Silva...

Sarah Azoubel: No programa da Xuxa...

ARQ Mamonas na Xuxa

Xuxa Hits 1995: Eles são de Guarulhos, uma banda de Guarulhos aqui de São Paulo, e a música estourou, Pelados em Santos, foi a primeira. E o troféu Xuxa Hits vai pra eles, altamente merecido. Esse grupo que faz a gente dançar, cantar e rir.

Sarah Azoubel: Os Mamonas Assassinas eram uma banda de rock cômico, mas na real eles navegavam por vários gêneros musicais, do forró ao heavy metal. O que unia a produção do grupo era mais a pegada de comédia, de sátira, que tava em todas as músicas.

Só que voltando a escutar as músicas hoje, boa parte das letras não envelheceram bem aos meus ouvidos. Tem piada homofóbica, tem piada classista, racista, de nordestino. As letras são meio o que você esperaria daquele humor preconceituoso dos anos 90. Mas enfim, a gente não tá aqui pra discutir esse mérito.

Hoje, tanto a Luana quanto a Tati me falaram que elas ainda têm carinho pela banda. Mas elas também escutam as músicas com ouvidos diferentes, e enxergam as partes problemáticas. Mas lá em 95, 96, a sociedade era outra. E essas coisas passavam batido por quase todo mundo. Principalmente pelas crianças e adolescentes que eram o coração do público dos Mamonas. E esse público mais infanto-juvenil delirava com os integrantes usando fantasias absurdas no palco, falando de peido e de suruba, debochando de tudo e de todos. O sentimento geral era de que os Mamonas eram uma banda irreverente, mas inofensiva. No fim, era como a Xuxa disse: "Eles faziam rir e dançar". Mas voltando pra Tati e pra Luana.

Luana: A primeira vez que eu ouvi Mamonas, eu fiquei um pouco com vergonha, sabe? Pudica. As letras eram um pouco indecentes, assim eu achava, né?

Sarah Azoubel: Se a Luana ainda tinha alguma dúvida, a Tati era super fã real oficial.

Tati: Tipo, eu era fã dos caras, entendeu? Eu tinha 14 anos, então acho que fora a Xuxa, era a primeira vez que eu era muito fã de alguém, entendeu? Eu acho que eles faziam muitas coisas que a gente queria fazer e não podia, que o pai brigava, sabe? Então acho que é por isso que a gente ficava tão magnetizado pela imagem deles assim.

Sarah Azoubel: Então quando elas viram aquelas garotas no shopping com faixa dos Mamonas na cabeça, a Tati...

Tati: E aí eu já fiquei assim, olhando: "Onde será que elas compraram? Vamos ver, de repente eu compro".

Sarah Azoubel: Elas tiveram que parar e perguntar.

Luana: "Moça, onde é que você conseguiu essa faixa que você tá usando?"
Aí ela: "Lá no estádio. Vai ter show deles hoje aqui em Brasília. A gente foi lá, e tem um monte de ambulantes vendendo coisas dos Mamonas".

Sarah Azoubel: Comprar uma bandana - quem sabe até uma camiseta dos Mamonas - já parecia um presente muito superior a qualquer coisa que elas tinham visto no shopping.

Bom, do Conjunto Nacional até o estádio Mané Garrincha, onde ia ser o show, dá uns 2 quilômetros. As meninas foram andando até lá.

Luana: Chegando lá, tinha uma fila de pessoas comprando ingressos, muita gente vendendo camiseta, faixa do Mamonas Assassinas. Eu me lembro do riso da Tati, da alegria dela. "É isso, é isso que eu estava procurando".

Sarah Azoubel: Mas tinha uma coisa que ia ser ainda mais especial...

Luana: E aí a gente tá, tipo, curiosidade... "Vamos ver quanto é o ingresso do show". Só por curiosidade, porque a gente imaginava que daria pra comprar assim e também não poderia. Imagina, a gente não ia nunca com esse show. Tudo muito sem cabimento para duas meninas roceiras. E aí a gente foi lá e, salvo engano, era 20 reais cada ingresso.

Sarah Azoubel: 20 reais cada, pra comprar dois ingressos: 40 reais. E até aquele ponto, elas só tinham gastado uns trocados nas passagens de ônibus e numa coxinha com refresco, que as duas dividiram. Então o show ainda cabia no orçamento.

Tati: Aí eu já olhei assim pra Luana, com aqueles olhinhos brilhantes, né? Aí eu falei: "Cara, e se a gente fosse no show?"

Sarah Azoubel: A Tati ficou eufórica. Ela tinha encontrado o presente ideal. Nada além daquele show ia fazer valer os 50 reais. Só que tinha um probleminha. Elas nunca tinham feito assim na vida.

Tati: A gente era muito presa em casa, sabe? A gente brincava no máximo aqui na rua. E quando a gente conseguia dar uma escapada, porque eu, principalmente, meus pais, não deixavam mesmo eu sair de casa.

Sarah Azoubel: Só de ter conseguido ir no shopping já tinha sido uma vitória. A ideia de ir num show, desacompanhadas, no meio de uma multidão de estranhos, nunca tinha passado nem perto da cabeça delas. Até aquele momento.

Tati: Eu sei que deve ter passado na minha cabeça que eles não iam deixar, mas eu ia tentar conseguir de toda forma e minha única e única chance era tentar.

Sarah Azoubel: As chances não eram nada boas. E elas calcularam o seguinte: se elas voltassem pra casa pra tentar pedir permissão, negociar algum acordo, provavelmente a coisa ia acabar ali mesmo. Iam barrar aquela ideia em casa, e não iam deixar elas voltarem pra Brasília.

Então o jeito era tentar convencer os pais pelo telefone. Tinha orelhão no shopping – e, enquanto elas caminhavam de volta, elas iam matutando o que iam dizer. Elas só iam ter uma chance.

Luana: Antes de ligar pro meu avô, a gente pensou tudo: como vai fazer, qual é a barreira que ele vai colocar, como é que ele vai conseguir dobrar isso. E eu já pensei logo no meu tio Fábio...

Sarah Azoubel: O Fábio era irmão da Tati, e devia ter uns 18 anos na época. Se o Fábio concordasse em ir com elas, quem sabe isso seria o suficiente pra convencer os pais da Tati, que eram mais difíceis. E a Luana achava que se a coisa passasse pelo crivo deles, a mãe dela também ia deixar. Então, chegando no Conjunto Nacional, a Tati ligou do orelhão pro pai dela – que, lembra, era o avô da Luana.

Luana: E ela falou com meu avô, e aí ele: "Mas como é que foi fazer isso, menina? Como vocês vão fazer esse negócio? Mas como é que vocês vão ficar aí?". Eram 11 e pouco da manhã, era meio dia. "Como vocês vão ficar aí até a noite, assistir um show?". Aí, a Tati, a Tati ou eu, não me lembro mais, falou: "Não, mas a gente vai chamar o Fábio. O Fábio vai com a gente, a gente, Fábio tem responsabilidade, ele já é maior de idade".

Sarah Azoubel: Foi um trabalho árduo de argumentação e convencimento. E no fim...

Luana: No final das contas o meu avô falou: "Não, tudo bem, se o Fábio for encontrar vocês, eu deixo, senão vocês vão ter que vir pra casa".

Sarah Azoubel: Na memória da Luana, foi o avô dela, o pai da Tati, que autorizou. Já pra Tati foi a mãe que finalmente deu o aval. De qualquer forma, o resultado foi o mesmo: sucesso! Em seguida, elas falaram com o Fábio, e ele topou ir pra Brasília depois do trabalho pra acompanhar as duas no show. A mãe da Luana também deu o ok. Elas mal acreditavam que o plano tinha funcionado.

Tati: Imagina: eu era uma adolescente que não saía para canto nenhum, e de repente eu estava indo no show da minha banda favorita.

Luana: Realmente era algo digno. Finalmente a gente tinha encontrado o presente digno daqueles 50 reais.

Sarah Azoubel: Elas voltaram pro estádio e compraram os ingressos. Ainda sobrou um troco pras passagens de ônibus de volta e pra comprar uma água.

Pra não gastar mais, elas já tinham pedido pro Fábio levar um lanche pra elas, porque elas iam ficar ali o dia inteiro só com o sustento de meia coxinha cada uma. Isso era perto da hora do almoço, e o show só ia começar umas 19h, com a banda Baba Cósmica abrindo pros Mamonas.

Mas a ansiedade era tanta que as duas já foram pra fila. Os super fãs já tavam se amontoando fora do estádio, e a atmosfera era elétrica. Durante a espera, a Tati até deu uma entrevista para a TV local que tava cobrindo o show.

Tati: E a gente não conseguiu assistir essa reportagem. Nunca vi até hoje. Se fosse hoje em dia, no outro dia tava no youtube, né?

Sarah Azoubel: Pois é, na verdade, eu encontrei uns trechinhos dessa gravação no YouTube. A reportagem filmou um monte de crianças e adolescentes esperando

o show, com a tal faixa do Mamonas amarrada na cabeça. E bate bem com o que elas me contaram: tava um clima de festa, todo mundo muito animado, cantando as músicas...

Infelizmente, a entrevista da Tati não aparece nesse vídeo. Mas, se você olhar bem, dá pra ver a Luana e a Tati ali, no meio da galera. Quando deu umas 17:30, o Fábio chegou, levando um amigo junto. Eles compraram ingressos e foram encontrar as meninas. E, como elas estavam lá no comecinho da fila, quando o estádio abriu, deu pra garantir um lugar bem na frente. Os Mamonas subiram no palco lá pelas 20h.

Luana: Eles entraram no palco, e eles estavam vestidos de presidiários.

Sarah Azoubel: O show foi tudo que elas esperavam. E mais um pouco.

Luana: Então cantaram todas, cantaram a Brasília Amarela. A gente tava em Brasília. Interagiram com o público, fizeram brincadeira, gracinha. O show tinha muita gente. A geral estava lotada, as cadeiras não estavam lotadas, mas tinha muita gente. E eu me lembro de olhar para trás e ver muita gente. Aquela coisa da expectativa do show começar, tudo novo, tudo a primeira vez, tudo muito incrível. E aí a noite enluzada estava bonita, estava estrelada o céu.

Sarah Azoubel: Segundo uma matéria que saiu depois no Correio Braziliense, o show na verdade foi um certo fracasso de público. Os produtores esperavam umas 15 mil pessoas - que era o que os Mamonas vinham trazendo nas apresentações anteriores. Mas, naquela noite, no Mané Garrincha, só 4 mil e 500 pessoas apareceram – tanto que a Tati e a Luana conseguiram comprar ingresso no dia, e o Fábio e o amigo dele, praticamente na hora.

Só que ninguém parece ter se importado com o estádio meio vazio. O público – em grande parte crianças e adolescentes – foi à loucura. No caso da Luana e da Tati, 4 mil ou 15 mil pessoas... não fazia lá muita diferença. De qualquer jeito, aquela era a maior multidão que elas já tinham visto na vida.

Luana: A gente pulou muito, cantou bastante, cantamos todas as músicas, a gente sabia tudo de cor e foi muito legal.

Sarah Azoubel: O show acabou com direito a bis, que foi o hit "Vira-vira", pra delírio total do público. E aí a banda se despediu, deixando as meninas com aquela energia residual de ter vivido um dia de muitas aventuras e de muitas primeiras vezes.

Luana: Muito na euforia da experiência, no melhor aniversário da vida da Tati. E eu ganhei de lambuja também esse presente, porque estava lá com ela. Então, assim, ela: "É o meu sonho, o melhor aniversário da minha vida". Ela estava exultante. Ela tava, assim, num estágio de total alegria e felicidade. A gente chegou a ir na área próxima do palco, a gente na piscina e a gente pegou um guardanapo. A gente era muito assim, sabe? A gente pegou um guardanapo, a gente pegou algumas coisas caras que acho que eram deles, que foi usado por eles. "Vamos pegar, vamos levar pra casa de lembrança".

Sarah Azoubel: A Tati ainda lembra que elas tentaram ver a banda uma última vez.

Tati: Eu lembro que a gente ficou um tempão mais tarde lá fora, a gente demorou muito, ficamos conversando com o pessoal, fazendo festa, a gente ficou na esperança do carro passar e a gente ver alguma coisa.

Sarah Azoubel: No fim, elas não conseguiram ver eles passando. E aí elas pegaram o ônibus de volta pra casa, tomaram banho e foram dormir - mais do que satisfeitas.

Luana: Foi a nossa primeira aventura. E sei lá, eu acho que poucas coisas se equivaleriam a isso tudo na vida, do que a gente viveu. E tendo vivido muito, já, bastante desde então. E aí, vira a história, né?

Sarah Azoubel: Na manhã seguinte...

Luana: Minha mãe acordou primeiro, minha mãe acordou de manhã cedinho e viu o plantão de notícias. E aí me acordou: "Luana, Luana, aqui os Mamonas".

Sarah Azoubel: Na casa ao lado, onde a Tati morava, o telefone não parava de tocar. Era uma cunhada da Tati. A Tati tava dormindo e não queria atender, mas o pai dela insistiu.

Tati: Aí ele voltou e falou: "É ela de novo, vai atender que ela vai ficar ligando". Aí eu falei: "Tá, vou atender". Eu atendi, e ela foi muito insensível. Ela simplesmente: "Oi, bom dia, não sei o quê". Ela simplesmente não sei o que falou. "Eles morreram. Os Mamonas morreram". Aí eu levei um susto. Eu falei: "Não, não morreram não, menina. A gente estava no show deles ontem a noite. Não". Aí ela: "Morreram, sim. Eles se acidentaram depois do show". Teve um momento que eu estava conversando com ela, que eu não sabia se eu estava sonhando, porque era tão surreal ela falar aquilo pra mim, sabe, depois da noite que eu tinha tido. E aí ela falou: "Liga a TV que você vai ver". Aí eu desliguei o telefone, liguei a TV e aí foi aquele choque, porque já estava em todos os canais.

Sarah Azoubel: No dia anterior, enquanto a Tati e a Luana tavam pegando o ônibus pro Gama, a banda tava pegando um jatinho pra voltar pra Guarulhos. Às 23:16, o avião se chocou contra a Serra da Cantareira.

No avião, estavam o vocalista Dinho, o tecladista Júlio Rasec, o guitarrista Bento Hinoto, o baixista Samuel Reoli, o irmão dele, o baterista Sérgio Reoli, e também o segurança Sérgio Saturnino, o roadie Isaac Souto, o piloto Jorge Luís Martini e o copiloto Alberto Takeda. Nenhum deles sobreviveu.

Lá no Gama, a Luana correu pra casa da Tati.

Luana: Eu me lembro dos gritos da Tati até hoje. Ela gritou. Ela gritou desesperadamente, como se tivesse perdido uma pessoa. "Não é possível! Como assim?" A gente teve que controlar ela. A gente teve que acalmar ela, porque ela ficou muito nervosa. Todos nós ficamos muito nervosos, mas ela

sempre expôs muito, sabe? Ela sempre colocou muito pra fora. E nesse momento não foi diferente. Foi o nosso primeiro contato com a morte. Então como é que pode pessoas jovens com sucesso morrerem? Isso pra gente era inaceitável. A gente tinha perdido o nosso bisavô com 90 e poucos anos. Ok, é normal uma pessoa idosa morrer. Agora, pessoas novas morrerem no auge do sucesso? Pra gente era uma coisa que não era possível acontecer, era algo impossível, era algo assim, inexplicável. Então a Tati mergulhou num luto, num luto de verdade. De só vestir preto.

Sarah Azoubel: A Tati mergulhou num luto, misturado com obsessão.

Tati: Foi um choque realmente muito grande pra mim e eu fiquei muito abalada. Todo mundo me ligou me dando os pêsames, parecia que eu era parente deles, sabe? Mas assim, depois que eles morreram, o meu quarto ficou. Não dava nem pra enxergar a parede. Eu preguei... Eu era assim, sabe? Aquela fã maluca.

Sarah Azoubel: Depois do acidente, os Mamonas Assassinas viraram o centro da vida da Tati.

Ela colecionava tudo que ela pudesse achar da banda: roupa, CD, objetos e bugigangas variadas, gravações, revistas. Na família, todo mundo sabia do caso, e quando alguém encontrava algum item dos Mamonas, dava pra Tati.

Na escola, as meninas ganharam uma certa atenção por terem ido ao último show, e a Tati e as amigas até tentaram organizar um fã clube oficial. A Luana lembra que elas escreveram cartas de pesar pras namoradas dos integrantes falecidos.

E a Tati conta que ela chegou a falar no telefone com uma delas, numa espécie de linha de atendimento aos fãs.

Aquele dia do show, o dia do aniversário de 14 anos da Tati, ficou com elas por um bom tempo.

Luana: Eu acho que foi o melhor presente e depois foi o pior, na verdade, porque talvez a gente não tivesse vivido do show, a experiência pós morte não teria sido tão traumática. Agora, saber que eles estavam vivos, alegres,

cantando, super animados na véspera e logo em seguida estavam mortos. Foi chocante, foi incrível. Foi algo do extraordinário, esse contato de como a morte pode ser cruel. Como a morte pode estar ali na porta e a gente não sabe. Aqueles momentos em que a gente se dá conta de que para morrer basta estar vivo? Só que a gente acha que não atinge a gente, ainda mais quando ser adolescente, nem quem a gente ama, porque a gente se sente invencível. Ainda mais depois de uma aventura dessa.

Sarah Azoubel: Com o tempo, as meninas foram crescendo, e o choque - e a obsessão - foram se diluindo. Mas...

Luana: Acabou a inocência.

Sarah Azoubel: Eu não lembro do momento exato em que eu perdi minha inocência de criança, em que eu cruzei algum véu imaginário entre o mundo infantil e a adolescência, e comecei a ter um vislumbre do que é a vida adulta. Eu não lembro de quando eu conheci a liberdade que é fazer o meu próprio caminho no mundo, e também não sei quando eu percebi as consequências e os medos de viver como gente grande. Que isso aconteceu, aconteceu.

Mas foi um processo gradual, uma trilha em que fui caminhando devagarinho, através de anos. E aí, quando eu me vi, eu já tava do outro lado. Já a Tati e a Luana viveram tudo isso em pouco mais de 24 horas. Elas foram da euforia da primeira aventura à angústia da morte. Elas descobriram nelas mesmas uma independência eletrizante, um outro jeito de existir no mundo. E, logo depois, elas descobriram que ninguém tá acima da dor, da morte, do inesperado. Pras duas, o fim da inocência infantil tem uma data marcada no calendário. Foi no dia 03 de março de 96. O dia depois do último show dos Mamonas Assassinas.

Branca Vianna: Essa foi a Sarah Azoubel, produtora sênior da Rádio Novelo. Obrigada por ouvir mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Você que escuta a gente até os créditos já sabe, mas toda semana, a gente deixa algum material extra no site relacionado às histórias da semana – porque sempre dá vontade de cavucar mais um pouco, e sempre tem coisa que não cabe no episódio.

Essa semana tem sugestões de leitura sugeridas pelo Fábio Zuker sobre o Tanaru e sobre florestas antropogênicas, e também mais detalhes sobre o último show dos Mamonas Assassinas.

E pra quem tá ouvindo o episódio fresquinho, assim que ele tá indo ao ar: pela próxima semana, até dia 9 de novembro, dá pra assistir ao filme do Vincent Carelli, Corumbiara, de graça no Vimeo. E pra quem chegar depois, dá pra alugar por lá. A gente vai deixar todas as coordenadas na página do episódio no site.

Quando você tiver no nosso site, aproveita pra assinar a newsletter do Rádio Novelo Apresenta, que chega toda semana junto com o episódio, e traz uma dica cultural de alguém da equipe.

E se você quiser mandar uma sugestão de história pra gente, vai lá numa seção do site onde diz "envie uma pauta", que tá explicado direitinho como fazer.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio, a gente usou música original da Luna França, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.